

# **SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE, MAS ENSINA A REZA**

## **O guarda-roupa da ECA - USP**

Prof. Dr. Fausto Viana, livre –docente do Departamento de Artes Cênicas da Escola e Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

### **Resumo**

A ideia principal deste artigo é sintetizar, em linhas gerais, o plano de ação proposto para a renovação das políticas do guarda-roupa comum a duas escolas de teatro: o Departamento de Artes Cênicas (CAC ECA USP) e a Escola de Arte Dramática (EAD ECA USP). O projeto foi apresentado simultaneamente à direção das duas escolas com a elaboração deste artigo. O artigo torna público o quanto já se avançou na longa trajetória pela preservação destes trajes teatrais e marca um novo período mais positivo no sentido da concretização de um projeto de preservação do acervo, de fundamental importância para o teatro brasileiro. O texto não apenas documenta como também se torna um registro público de um trabalho a ser realizado por longos anos.

### **Abstract**

The main Idea in this article is to sum up, in general lines, the plan of action for the common wardrobe of two drama schools: the Drama Department (CAC ECA USP) and the Dramatic School of Art (EAD ECA USP). The project was presented to the direction of the two schools simultaneously with this article. The article makes public the long way in the preservation of these costumes and sets up for a new period for a project of conservation, in a wider sense, of this material that is so important for the memory of Brazilian theater. The text not only documents but also shows the public the job that has to be developed in the next few years.

**Palavras-chave:** museologia; conservação; traje de cena; figurino

**Key-words:** museology; conservation; costume design

## **1. INTRODUÇÃO**

Nem sempre é apenas o desejo intenso de se fazer alguma coisa que faz com que ela se realize de imediato. Às vezes, é preciso ter a paciência, a dedicação, a perseverança e, acima de tudo, uma vontade inabalável de não desistir. Isso mesmo quando todos afirmam que você nada contra a maré, que seu projeto é uma perda de tempo e que nunca surgirão os recursos necessários para a concretização das suas ideias. Este artigo aponta que o resultado final pode ser satisfatório em médio e longo prazo.

Assim foi com o guarda-roupa do Departamento de Artes Cênicas da ECA USP. Há cerca de vinte anos começou-se a pensar porque é que não se tomavam os devidos cuidados para que esta coleção tão significativa de trajes de cena não fosse preservada. Assistiu-se à lenta marcha de destruição da coleção ao longo do período.

Seria fácil levantar aqui os motivos que permitiram que esta degradação ocorresse. Levantar dedos acusatórios em diversas direções seria a saída mais evidente no caso de não quisermos salvaguardar um material precioso, que conta parte da história do teatro paulistano e, portanto, brasileiro. Houve furto? Sim. Houve roubo descarado, com pessoas jogando alguns trajes pela janela e depois resgatando-os do lado de fora? Sim, por muitos anos. Houve descaso de um diretor ou outro responsável pelo acervo? Sim, e quem já esteve na situação destes diretores sabe que não é fácil administrar um departamento de artes cênicas em uma das maiores universidades do país.

Nada disso, no entanto, obscurece um fato: muitos trajes sobraram intactos. São documentos vivos do que aconteceu na cena paulistana entre os anos de 1948 e 2012-sim, porque o acervo é vivo e não para de crescer. São testemunhos materiais da trajetória de, no mínimo, duas instituições: a Escola de Arte Dramática e o Departamento de Artes Cênicas da ECA USP.

## **2. UM BREVE HISTÓRICO**

A Escola de Arte Dramática (EAD) foi fundada pelo Dr. Alfredo Mesquita (1907-1986), que sentiu a necessidade de ter um centro formador de artistas da cena na cidade de São Paulo. O Conservatório Dramático Musical, fundado em 1906, já tinha feito parte deste papel ao longo de sua história, mas a maioria dos cursos do Conservatório, apesar de “dramático e musical”, era mesmo de música.

O Dr. Alfredo fundou em 1942 o Grupo de Teatro Experimental, que funcionou até 1948, ano em que foi fundada a EAD. O grupo amador paulistano (...) pautava-se por preocupações artísticas modernas, inéditas até então no teatro da cidade, tornando-se uma das raízes do Teatro Brasileiro de Comédia e da Escola de Arte Dramática<sup>1</sup>.

Foi com recursos próprios que ele, que não era apenas culto, “grão-fino” e artista atuante nos círculos amadores da capital paulistana pagou para manter a EAD. E o importante guarda-roupa da EAD começa a ser formado também a partir desta perspectiva: os recursos provinham dos amigos do Dr. Alfredo, da alta sociedade local que transferia bens pessoais para o acervo da escola. Muitos vestidos, chapéus e adereços foram doados pela sociedade paulistana.

Em 1968, a Escola de Arte Dramática, que na sua última versão estava instalada no edifício do Liceu de Artes e Ofícios (atual Pinacoteca do Estado, na Avenida

Tiradentes), foi incorporada pela USP. Uma longa lista dos bens móveis – incluindo os figurinos- foi feita naquele ano pelo Prof.Dr. Clóvis Garcia, então diretor da EAD e que viria a ser um dos mais renomados professores do CAC ECA USP. Os trajes relacionados por ele incluem uma lista difícil de ser recomposta hoje em dia, mas que fazem a imaginação voar longe:

Guarda-roupa pertencente à peça Os persas, de Ésquilo; da peça Os pássaros, de Aristófanos (figurinos desenhados por Clóvis Graciano); da peça A descoberta do novo mundo, de Lebesque; do Auto da barca do inferno; do Velho da horta; da peça Macbeth; do Auto da Vila de Vitória, de José de Anchieta; de O Inglês maquinista; da peça A família e a festa da roça, de Martins Pena; da peça As três irmãs, de Anton Tchekhov<sup>ii</sup>...

A lista instiga ainda mais quando explicita outras doações recebidas pela EAD, como a da companhia Lotte Sievers, onde diversos atores como Raul Cortez começaram. De acordo com Ana Carolina Ramos<sup>iii</sup>, que fez um excelente projeto de iniciação científica sobre o tema, eram muito mais de seiscentos e quarenta trajes.

Era o começo do guarda-roupa atual, que estima-se que tenha hoje cerca de três mil trajes (isso sem computar os adereços, luvas, chapéus, perucas...).

Em 1971, surgiria o embrião do que viria a ser o atual Departamento de Artes Cênicas da USP.

### **3. AS PARTICULARIDADES DO ACERVO**

Sophia Jobim (1904-1968), em palestra proferida na casa do Estudante do Brasil, em 09 de agosto de 1950, afirma que um bom indumentarista precisa de alguma coisa “mais que talento”.

(Ele) precisa se intrometer no terreno do arqueologista, do etnógrafo, do historiador, do arquiteto e do escultor... Seu trabalho é complexo e fascinante. Tem de desenterrar arquivos... Violar sarcófagos... Aventurar-se no desconhecido! Penetrar nas origens das coisas... Buscar razões psicológicas de um pequeno trapo.

O guarda-roupa da ECA USP é pleno do trabalho destes arqueólogos do têxtil e arquitetos do pano. Alguns nomes são muito conhecidos do público que faz teatro: Darcy Penteado, Alfredo Mesquita, Clóvis Graciano, Campello Neto, Augusto Francisco, Clóvis Garcia, Cyro Del Nero, Gabriel Villela, J.C.Serroni, Iacov Hillel, José Carlos de Andrade, Marcio Tadeu, José de Anchieta, Maria Rita Bordallo, José Eduardo Vendramini...

O trabalho destes cenógrafos e figurinistas pode ter chegado às escolas de diversas maneiras. Eles poderiam ser convidados para participar de uma montagem. Podem ter feito os trajes enquanto ainda eram alunos da escola, em fase de aprendizado, antes de serem nomes significativos da cena brasileira. Outros conjuntos de trajes deles

foram adquiridos de empresas ou companhias teatrais, ou mesmo recebidos em doação de grandes artistas.

Hoje, o acervo é ampliado o tempo todo, através de produções das próprias escolas (o CAC, que fornece um título universitário e a EAD, que mantém seu nível técnico); doações, como visto acima, tanto de pessoas físicas como jurídicas; aquisições eventuais (raras atualmente); e empréstimo, no caso museológico, de instituições que confiam a guarda dos trajes para futuras exposições e estudos.

#### **4. UMA PROPOSTA DE RENOVAÇÃO PARA O GUARDA-ROUPA DA ECA USP**

Todas as propostas a seguir são fruto de reflexões feitas a partir de entrevistas com as funcionárias do guarda-roupa, bem como de conversas com professores muito ligados ao acervo, como é o caso do Prof. Iacov Hillel e Cláudio Lucchesi, da EAD, e a professora Dra. Elizabeth Azevedo, do CAC. O guarda-roupa e sua renovação também foi um dos temas de discussão do curso de pós-graduação de 2009, intitulado: O espetáculo não pode parar: a indumentária em cena e fora dela.

##### **4.1. Por que interessa manter o guarda-roupa?**

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer porque é importante manter o guarda-roupa da ECA. O traje de cena é material indispensável na criação da cena contemporânea. Não necessariamente se relaciona o figurino à construção de uma personagem, já que muitos pesquisadores hoje, em tempos de teatro pós-dramático, afirmam que a personagem morreu. No entanto, independentemente desta discussão teórica, o traje é parte da composição visual da cena, em qualquer estilo que ela se construa. As duas escolas que fazem a gestão do guarda-roupa são escolas com forte tendência experimental cênica. Várias formas de teatro são investigadas, e por isso, é necessário ter material que permita ao aluno prontamente ensaiar e construir cenas com este material.

Conseqüentemente, o material será também utilizado nas montagens finais de projetos das escolas. Sem este suporte, muitas das montagens estariam inviabilizadas.

Além disso, o acervo construído ao longo de quase setenta anos se transformou em importante fonte de pesquisa para a construção de novos trajes baseados em experiências anteriores, permitindo o acesso ao trabalho de importantes cenógrafos e figurinistas que desenvolveram seus trabalhos nas duas escolas.

##### **4.2. O que manter no guarda-roupa da eca USP**

Um dos critérios mais importantes em qualquer coleção é definir sua função. Como já se anunciou acima, é muito importante que se tenha em mente que todo e qualquer material incorporado ao acervo do guarda-roupa seja pertinente ao universo das artes

cênicas e cuja utilidade seja comprovada pela experiência prática de quem trabalha no acervo.

Essa definição é parte da **política do acervo**.

De forma direta, se uma peça não tiver utilidade, ela deve ser encaminhada a um setor ou entidade competente. Toda peça que ficar no acervo terá que ser cuidada e isso representa custos diretos ou indiretos de manutenção, de pessoal, de conservação e de limpeza. Além de exigir espaços cada vez maiores.

É necessário estabelecer claramente as regras para recebimento de doações. Roupas sociais de uso cotidiano nem sempre são úteis, pois os próprios atores as têm. Um exemplo é o caso de calças jeans contemporâneas. Um item que exige muito cuidado no recebimento são as fantasias de carnaval- o doador se empolgou com seu desfile, guardou o traje imenso em casa durante algum tempo e percebeu o tamanho do problema: uma fantasia de carnaval ocupa muito espaço. O que ele faz: junta à fantasia muitas roupas velhas, que não são de interesse do guarda-roupa e doa para a ECA. É necessário dizer não: segundo as costureiras- e ninguém trabalha mais diretamente com o acervo do que elas- nos últimos dez anos nenhuma fantasia de carnaval que estava no guarda-roupa foi emprestada. Roupas de uso íntimo, como cuecas e calcinhas usadas, não devem ficar no guarda-roupa. Roupas interiores, no entanto, como camisolas, combinações, corpetes e outros materiais afins são muito bem vindos e úteis.

Os doadores também têm que ser alertados que o seu traje doado nem sempre permanecerá do mesmo modo- uma das características mais marcantes do traje de cena é sua mutabilidade, sua transformação para se adequar ao que se precisa em diferentes cenas. Naturalmente o processo será diferente quando for o caso de um traje histórico, com status de documento, que entrará para uma coleção especial, como veremos a seguir.

Uma proposta muito saudável para o acervo (e para quem usa e administra) seria fazer uma divisão dele em quatro categorias ou núcleos:

-Acervo Cotidiano (Sigla: COT): seria composto por trajes mais solicitados, de uso mais cotidiano e corrente. São camisas e calças de algodão. Paletós simples para uso em ensaios. As escolas precisariam, através de campanhas de doação ou aquisição, ter vários lotes com camisetas básicas brancas e pretas, de manga curta e comprida, para ensaios e apresentações, bem como calças de moletom nas mesmas cores. Todas lisas, sem estampas ou etiquetas. São roupas mais fáceis de serem repostas pelo desgaste, inclusive. Circulação permitida.

-Acervo Espetáculo (Sigla: ESP): Trajes melhores, com bom acabamento ou mais difíceis de serem encontradas. A finalidade principal deste acervo seriam as apresentações abertas ao público. Circulação controlada.

-Acervo reservado aos professores (Sigla: PRO): O acervo possui alguns trajes de excelente qualidade que chegam por diversas vias, incluindo a doação e a aquisição. Um caso sempre presente são as doações de professores como Iacov Hillel, que doa sistematicamente peças ao acervo e vê seu desaparecimento ou degradação em maior ou menor ritmo. Por isso, o guarda-roupa tem que dar uma garantia de que o acervo não será liberado de forma indiscriminada para uso. Circulação restrita.

-Acervo histórico (sigla: HIS): Optamos por classificar como histórico não apenas as peças antigas que foram de algum ator importante, por exemplo, mas também aquelas feitas por um designer conhecido e significativo. Também ficam aqui trabalhos especiais contemporâneos que servirão para pesquisa e análise.

#### 4.3. Como manter: conservação e manutenção

A conservação preventiva é sempre melhor do que ter que remediar o acervo inteiro. Assim, antes de colocar a peça em uso, fazer uma manutenção nela- mas isso de acordo com a categoria em que o traje vai entrar. No caso do acervo histórico, este trabalho deverá ser decidido em conjunto e a peça encaminhada para um especialista em conservação e restauro.

O que acontece hoje é que a peça chega ao limite pelo uso excessivo e falta de manutenção, já que as funcionárias do guarda-roupa não dão conta em razão do excesso de trabalho. É necessário que as duas escolas pensem em como complementar esta força de trabalho (contratando temporários) ou então fazer esta manutenção nos períodos de férias, quando a demanda por parte dos alunos não é tão grande.

#### 4.3. Como expandir

Não há como expandir nada, neste momento, sem um acordo entre as duas escolas. Em primeiro lugar, é preciso definir a política de acervo para depois definir a política de aquisições. Há a necessidade de contratação de ao menos mais uma funcionária por parte do CAC, já que a EAD tem duas sob sua responsabilidade. É necessário também redigir um documento em que todas as regras e normas de funcionamento do guarda-roupa estejam claras e acessíveis para os usuários. O documento anterior pode ser reaproveitado, mas muitas modificações são necessárias.

#### 4.4. Sugestões de gestão/ empréstimo

A dinâmica de acesso ao guarda-roupa é intensa e o número de funcionárias é reduzido. São três, que atendem no período da manhã, à tarde e à noite. No entanto, elas não se limitam apenas a atender alunos: são também costureiras e responsáveis pelo armazenamento, arrumação e empréstimo das peças.

O usuário<sup>iv</sup> entra, escolhe o material e de forma precária, em fichas que não permitem uma identificação mais efetiva do traje, pode levar o material emprestado. Mas se o registro diz simplesmente “um vestido branco”, ele pode devolver qualquer vestido branco, até mesmo um de menor valor e interesse cênico.

O sistema de cobrança, de devolução, é ainda mais precário. O usuário fica com o traje indefinidamente. Muitas vezes não devolve.

As peças precisam ser identificadas por uma etiqueta impressa, como nas grandes redes de lavanderia e o sistema de empréstimo precisa ser informatizado. É rápido e simples, diminuindo o tempo de atendimento e facilitando a devolução ou mesmo a cobrança de peças atrasadas. A etiqueta seria costurada ou colada no traje, nos casos em que isto for possível e permitiria a leitura feita por código de barras, já no nome do aluno que empresta o material.

Por enquanto, seria essencial limitar o horário de atendimento do guarda-roupa, já que o número de funcionárias é pequeno e elas exercem outras atividades conjuntas. Uma sugestão seria manter o horário delas, mas reduzir o atendimento ao público. O horário continuaria sendo das 8 às 22hs, mas das 8 às 12hs e das 15 às 17hs seria o horário de arrumação interna e confecção (costura) dos trajes; das 12 às 15hs e das 17 às 20hs, atendimento ao público. O horário cobriria as necessidades dos alunos que vêm nos mais diversos horários.

#### 4.6. Redistribuição do espaço físico

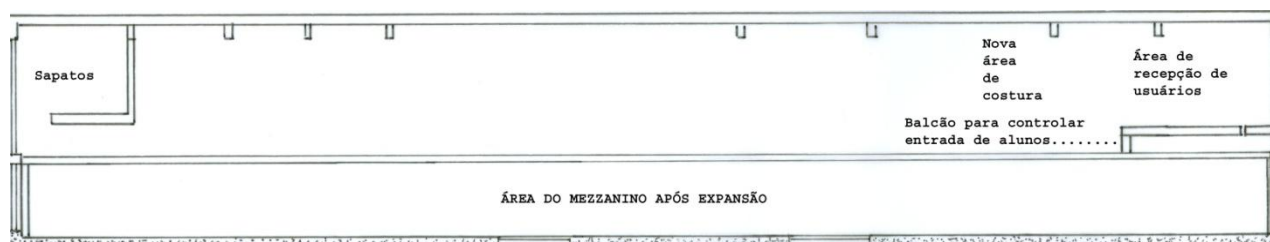


Figura 1- Planta baixa da situação atual.

O problema do espaço físico hoje é enorme, mas ideias simples e de baixo custo devem colaborar para melhorar as condições de trabalho e de acesso. A figura 01 mostra como é a planta baixa do guarda-roupa hoje. Há um mezanino que não pega todo o espaço possível. Há roupas enfiadas literalmente em cada pequeno espaço existente. As costureiras ficam em área abaixo do mezanino, o que não só limita a distribuição de luz como impede que elas vejam quem chega.

O que denominamos de quartinho de bagunça tem de tudo- uma geladeira velha que vazava água, uma cafeteira quebrada, pilhas de tecidos, botões, materiais diversos, enfim, precisa ser completamente rearrumada. É um espaço nobre, na entrada, que fica mal utilizado.

A área de sapatos fica bem mantida, mas sua arrumação é prejudicada pelo mobiliário- agravado pelo teto que nesta lateral do guarda-roupa é em diagonal, pois fica no último piso do teatro, no “telhado”.



**Figura 2- A nova proposta.**

A figura 02 traz algumas propostas que vão ajudar muito na solução de problemas. Como se vê, o mezanino agora foi expandido até as duas extremidades da sala. Embaixo dele, ficarão os acervos subdivididos por temas, o que já acontece um pouco hoje. Se necessário, poderemos trancar as portas, dificultando a manipulação por parte dos usuários.

O quartinho da bagunça precisa ser demolido- na verdade, basta remover duas paredes. As costureiras ficarão em área mais iluminada, e os usuários terão que parar no balcão de entrada antes de entrarem, e terão também que deixar suas bolsas no escaninho reservado para tal na parte de baixo do mezanino.

O acervo histórico, que hoje está mal acondicionado no andar de cima do mezanino, deve sair para a Sala 17, do Laboratório de Informação e Memória (LIM-CAC), o que vai facilitar as pesquisas sobre ele e também abrir espaço no guarda-roupa para os figurinos reservados aos professores (PRO), que podem ficar separados por uma porta ou grade que poderá ser trancada, dificultando o acesso.



Um novo mobiliário, como demonstra a figura 03, precisa ser confeccionado, o que pode ser feito nas dependências do próprio teatro. O esquema vai aumentar a área de armazenagem, a consulta ao material e também a limpeza do espaço. Vai servir tanto para sapatos como para adereços.

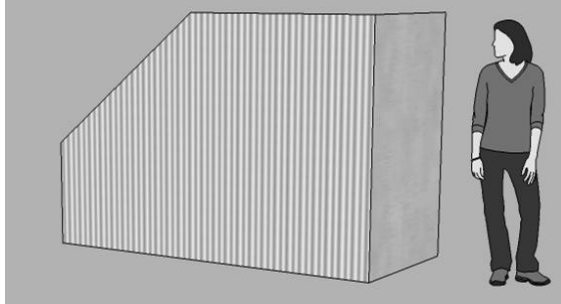


Figura 3- Um esboço do formato do móvel a ser encaixado no rebaixo do teto.

Outra medida muito simples é colocar telas de metal nas grandes janelas do prédio do teatro, na altura do guarda-roupa. Há um esquema de furto que as funcionárias já identificaram- um usuário joga a roupa do acervo para outro lá embaixo, que simplesmente desaparece com ela. Com a tela, não haverá espaço para a passagem dos trajes.

## 5. CONCLUSÃO

O guarda-roupa da ECA, dentre os acervos de teatro mais conhecidos, é hoje o terceiro maior da cidade de São Paulo, depois do acervo do Theatro Municipal e o do Teatro do SESI (ainda que o do SESI seja de peças mais contemporâneas- o da ECA, em critério de antiguidade do acervo, é o segundo).

A sua importância é máxima, diante do que resta na cidade de memória teatral. O fato de o acervo pertencer à Universidade de São Paulo também ajuda muito: os campos de pesquisa estão totalmente abertos. Já há um centro de pesquisa estabelecido, o LIM CAC, que conta com professores especializados no assunto- dificuldade que se impõe ao acervo do SESI, por exemplo, que mantém o acervo em estado precário na Unidade Catumbi.

São caminhos muito claros, mas que precisam ser executados. Muitas sugestões vêm das reclamações e constatações das trabalhadoras do local. Uma longa entrevista que foi feita com elas vai ser enviada à diretora da EAD e à chefe do CAC ECA USP, pois muitas são medidas fáceis, mas que poderiam ser de grande ajuda no dia-a-dia.

Elas explicam, por exemplo, que o traje tem que ser devolvido limpo. Mas quando o usuário traz de volta, elas preferem ficar com o traje sujo e garantir que ele está

devolvido do que o usuário levar e não devolver nunca mais. Se a roupa vem rasgada ou estragada, elas acreditam que o usuário deveria ser responsável por devolver uma nova, ou outra em bom estado. Mas isso não acontece- não há punição nenhuma ao usuário que danifica o material. Esta solicitação delas- alguma forma de punição- já é antiga e nunca tomaram nenhuma atitude. Isso incentiva, de alguma maneira, o usuário a agir mal. Se o usuário não devolve o material, seu nome entra para uma lista de devedores, mas na prática elas dizem que isso não funciona- pois o usuário pede para um colega que, sabendo que nada vai acontecer com ele também, empresta seu nome.

Com relação ao roubo, uma atividade educativa precisava ser realizada emergencialmente. Como disse a Professora Sandra Sproessner, mais do que aprender teatro, o que se deseja é que os alunos aprendam cidadania. Plenamente de acordo, esperamos que a campanha surja antes que todo o acervo histórico desapareça- por isso este foi o material escolhido para tratamento inicial e retirado do espaço comum aos outros trajes. É possível repor paletós de 2010, mas é impossível repor os trajes criados ou escolhidos pelo Dr. Alfredo.

Elas falam ainda que a não punição ou restrições punitivas incentivam o aluno a deixar roupas abandonadas pela escola, nas salas de aula, nos corredores e até mesmo na porta do guarda-roupa, no chão, que elas têm que recolher. Exemplo máximo de pouco caso é o fato de o aluno entrar e mexer nas roupas e tudo que caiu dos cabides não ser apanhado! “Arrumamos de manhã, e à noite já está tudo desarrumado”, elas afirmam. É possível ver que essa é uma triste realidade.

Uma limpeza mais profunda também é necessária. As escolas passaram por sérios períodos de restrição financeira, de falta severa de material, de tudo. Hoje, com políticas mais contornáveis e justas, é possível comprar material de manutenção e material novo. Não há necessidade de se guardar tudo, como antigamente, quando efetivamente quase tudo era utilizado, pois não havia alternativa. Esta questão abrange também outros setores da escola, como a cenografia, por exemplo.

O ato de descartar ou reciclar imediatamente alguns materiais abriria espaço para os usuários visualizarem melhor o material, bem como facilitaria a organização do espaço. Uma roupa não engancharia mais na outra, ou impediria de ver o que está atrás. Parte da bagunça advém daí, também, embora não se justifique o fato de entrar em um local arrumado e sair deixando-o bagunçado. Isso requer outra ação formativa, educacional.

No primeiro dia de aula, os alunos poderiam receber uma cartilha de boa utilização do acervo da escola, ou especificamente do guarda-roupa, para que ficasse claro que há preocupação, que há necessidade de preservação do patrimônio da escola, que é público.

Vale terminar, no entanto, com uma constatação que é comum para muitos que trabalham na escola: a beleza das peças do guarda-roupa, da confecção dos figurinos, que é compartilhada por muitos professores, alunos e costureiras, é que fazem com que o guarda-roupa seja uma máquina potente, dinâmica e que continua a se expandir para objetivos cada vez maiores.

Neste momento, basta agir utilizando as armas que já estão disponíveis.

## 6. BIBLIOGRAFIA

GÓES, Marta. **Alfredo Mesquita: um grã-fino na contramão**. São Paulo: Editora Terceiro Nome:Loqüi Editora: Albatroz Editora, 2007

VIANA, F. R. P. ; AZEVEDO, Elizabeth . **Breve Manual de Conservação de Trajes Teatrais**. São Paulo: Azevedo, Elizabeth e Viana, Fausto, 2006.

ZANOTTO, Ilka Marinho; LIMA, Mariângela Alves de; VARGAS, Maria Thereza; FERNANDES, Nanci (org.). **DIONYSOS - Especial: Escola de Arte Dramática**. Brasília: MinC/Fundacen, n. 29, 1989.

---

<sup>i</sup> In [http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia teatro](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_teatro), acessado em 18 de maio de 2012.

<sup>ii</sup> Lista elaborada pelo Professor Clóvis Garcia, encontrado no Laboratório de Informação e Memória do CAC ECA USP.

<sup>iii</sup> O endereço do blog dela sobre o projeto é <http://trajesdecenaeadeca.wordpress.com>

<sup>iv</sup> Os alunos não são os únicos usuários, apesar de serem a maioria. No passado, mais pessoas da ECA poderiam usar o guarda-roupa. Hoje, o uso está restrito ao CAC e à EAD, em medida acertada, diante das dificuldades.